

Ainda temos, não uma, mas duas opções

Nos dias em que os senhores da *troika* estabelecem *o caminho* que temos de trilhar, é o momento de reafirmarmos que não estamos apenas diante de uma opção, mas de duas (peço que imagine que estamos numa escola primária, uma daquelas pequenas e térreas instalações escolares, essas onde se estabelecem os alicerces de uma vida digna).

A primeira opção consiste em abrirmos as portas e fecharmos as janelas. Ou seja, o recreio continua, lá fora e cá dentro, seja porque outros decidem por nós, seja porque nos desinteressamos do futuro. Nós não contamos, nem os de ali, de Ribeira ou de Boticas, nem os de acolá, de Moimenta, da Nazaré ou de Serpa. Não, os cidadãos não interessam, ou melhor, só interessam enquanto pagadores da conta, dos juros e das hipotecas. As janelas estão fechadas, o presente é negro, dizem-nos e nós acreditamos piamente. O futuro, esse é pintado ainda pior: incerto, complexo, imprevisível, medonho e catastrófico! A vida tem, pois, de ser passada em lamentações, a chorar, a pagar juros e a amortizar empréstimos, de olhos postos no chão.

Com as janelas fechadas, a luz só entra pelo nível do chão. Do chão não se alcança qualquer visão nem um sentido de missão. Aqui há uma elite dirigente, sim, mas é uma elite para o desenrasca e pronto: aumento de impostos, venda de património comum, acumulação de prejuízos do Estado. O recreio continuará a ser a actividade mais interessante: gastar o que não temos, pedindo agora aos amigos, já que os bancos não emprestam, continuar a jogar futebol, às cartas, ao bingo, já que o pião, a macaca e a malha foram substituídos por subsídios. Continuaremos a ter os amigos de sempre, os do chão: Chávez e Khadafi para exemplo. Por aqui, o autoritarismo ganha adeptos, porque ele nasce justamente junto das habitações sem janelas, nestes climas abafados, onde custa respirar e onde a vingança se serve a quente e a frio.

A segunda opção consiste em fecharmos as portas e abrirmos as janelas. Ou seja, fazemos o trabalho de casa, retiramos os móveis pesados, e agora inúteis, que se empilharam em frente das janelas, colocamos óleo nas fechaduras e nas dobradiças, colocamos os móveis recuperáveis no seu sítio, deixamos entrar a luz, limpamos o pó e concentrar-mo-nos no essencial. Das janelas de Portugal vê-se mundo, como em nenhum outro sítio do mundo. As empresas olham para fora, internacionalizam-se, os cidadãos abrem os horizontes da vida, participam na resolução dos problemas concretos da sua comunidade local, agem, aprendem a empreender empreendendo e a fazer de novo fazendo e a criar novas relações de parceria relacionando-se. Tudo nasce pequeno e há muita sementeira já feita e muitas plantas novas em crescimento. Agora fazem-se as contas, tendo em vista não só gastar apenas uma parte do que se tem, mas também arriscar investir em novos projectos de gente nova e menos nova.

Estamos diante de dois caminhos, não de um só, como nos quer fazer crer uma elite dirigente rasca e à rasca, que perdeu o pé e que acredita num mundo que já percebeu que não terá futuro. Há milhares de instituições sociais e muitas dezenas de milhar de cidadãos que nelas se dedica solidariamente ao bem comum. Há muitas empresas a olhar o mundo e a vencer com entusiasmo. Temos de valorizar e incentivar estas pessoas, estas instituições e estas empresas.

Não temos de as substituir. Aquela elite do rés-do-chão diz que todas elas são frágeis e ponto final; nem nos apercebemos de que isso equivale a perpetuar a dominação providencial de um Estado uniformizador e prepotente. As janelas abertas do capital social que possuímos são diariamente fechadas por acções estatais, mais ou menos reformistas e iluminadas, autênticos ciclones que destroem tudo por onde passam, incluindo muito do valor social já gerado. Não podemos continuar por esse caminho para onde esta elite nos empurra.

Quando as janelas se abrem, constatamos que somos um povo extraordinário a fazer o bem bem feito e a aplicarmo-nos ao trabalho, anos a fio, desde que entusiasmados por uma visão maior, desde que participantes activos e comprometidos na resolução dos problemas concretos por nós diagnosticados, desde que responsabilizados e não menosprezados. Nós acreditamos nas coisas que fazemos e que sabemos que ainda temos para fazer, não nas que outros querem que façamos e que estamos mesmo a ver que não vão resultar, porque está lá tudo, incluindo o dinheiro, menos as pessoas concretas e as suas organizações.

De janelas fechadas e com as portas abertas, iremos continuar à procura rasteira de formas de contornar qualquer crise e continuar a jogar ao bingo e a correr para os subsídios que os dirigentes-helicópteros sempre deixarão cair sobre o território.

Nunca tivemos uma crise como esta e nunca tivemos, como hoje, uma população tão instruída, enriquecida com quadros superiores muito qualificados. Nunca como hoje dispusemos de uma rede tão capilar de serviços e de instituições sociais que diariamente geram valor social e comunitário. Nunca como hoje tivemos pessoas disponíveis para participar, para fazer o bem bem feito, para arriscar, aqui e em qualquer parte do mundo (afinal, a boa notícia é que somos a única economia do mundo que não cresce!). Nunca como hoje houve tantas possibilidades baratas de criarmos redes e de comunicarmos. Nunca como hoje conhecemos e sabemos como apoiar os mais fragilizados de nós. É só abrir as janelas e empurrar as portas podres. A oportunidade é única.

Querem-nos fazer crer que temos um gravíssimo problema financeiro. Mas o gravíssimo problema que temos é o da atitude da elite dirigente, não é o do dinheiro. O problema não é o povo que somos, melhor, o povo que essa elite diz que somos, mas a atitude da elite que temos. Basta mudar esta elite rasca e à rasca e desenhar outra atitude, assente no povo que somos; assente nas pessoas, nas instituições, nas empresas, nas boas lideranças que povoam estas instituições e empresas, nas inúmeras competências que as dirigem, na sua visão do futuro, no seu sentido de serviço. O futuro interessa-nos porque o queremos desenhar com a nossa mão.

Hoje, *o dia da troika*, o futuro de Portugal não acaba; pode até começar um futuro diferente e estes cinzentos senhores até poderiam ir para sua casa, tranquilos e confiantes, pois nós vamos confiar, como nunca, em nós próprios e no valor social que geramos.

Joaquim Azevedo

Professor Universitário